



notícias do

microcrédito

associação nacional de direito ao crédito

BOLETIM INFORMATIVO DA ANDC | JUNHO 2012 | NÚMERO 48

Empresários do microcrédito: de onde vêm e para onde vão

Este Boletim continua a dar destaque aos microempresários. Eles bem o merecem. Sem ter em conta toda a riqueza humana de cada um deles, não teria justificação o trabalho de todos quantos dedicam algum do seu tempo ao desenvolvimento do microcrédito.

Porquê o microcrédito? Porque com um crédito pequeno, sem garantias reais formais, mas com uma grande probabilidade de sucesso da iniciativa, há muita gente que pode refazer as suas vidas, a um custo, para eles e para a sociedade, que é muito mais reduzido do que o recurso a outras vias ou outras alternativas de vida.

Por isso, a qualquer pessoa que não tem acesso aos mecanismos correntes de concessão de crédito tem de ser reconhecido o direito ao crédito, nas mesmas circunstâncias em que lhe é reconhecido o direito à habitação, à saúde, à educação, ao apoio judiciário, etc. O direito ao crédito deveria, por

isso, integrar a carta dos direitos humanos fundamentais.

As pessoas que recorrem ao microcrédito encontram-se, em geral, numa situação de dificuldades económicas, mas também sociais. Apesar desta situação, não ficam a olhar para o chão, nem a olhar para trás. São pessoas não conformadas, que querem e têm capacidades para dar uma volta às suas vidas. Têm ambição e têm uma ideia para um negócio bem-sucedido, através do qual podem criar o seu emprego.

Contudo, o microcrédito não tem como objetivo primeiro fomentar o empreendedorismo. O objetivo final está, sempre, centrado na dignificação das pessoas e do seu percurso de vida. O empreendedorismo é uma condição necessária, mas é apenas instrumental.

Os candidatos ao microcrédito vêm de muitos percursos e experiências de vida, de muitas terras,

têm idades muito diversas, representam ambos os sexos, têm qualificações que vão desde o ensino básico até ao ensino superior, vêm do exercício de profissões muito diferentes, mas todos possuem algo que lhes é comum: uma vontade férrea para caminhar em frente.

Assim, vencem os percursos de dependência e criam a sua própria autonomia. Sentem-se donos de si próprios. São promotores de negócios prósperos, apesar das muitas dificuldades com que têm de se confrontar. Mas a percentagem de insucesso no mundo do microcrédito tem vindo a ser, sempre, inferior à do conjunto das atividades empresariais.

Os microempresários e os seus percursos de vida são um exemplo para todos nós. Devem sê-lo, também, para toda a sociedade.

MANUEL BRANDÃO ALVES
Presidente da Direção

Telma Bolinhas

Produtos tradicionais alentejanos
Rua do Canal, 18A 7800-483 BEJA

A história da Sabores do Alentejo começa onde as saídas profissionais acabam. E do empreendedorismo de Telma Bolinhas, jovem licenciada em Psicologia mas sem emprego na área. Com a ajuda do microcrédito, o negócio nasceu e foi crescendo. Em outubro do ano passado, a Sabores do Alentejo mudou-se para um espaço maior e melhor localizado. O prémio Sogrape veio dar uma ajuda no investimento a nível de equipamentos. Com a nova loja vieram os clientes antigos e surgiram novos. Telma desafia todos os jovens a criar o próprio posto de trabalho, especialmente nesta altura de crise. Em breve, também a casa de Telma vai crescer. Com risos, com gargalhadas, com brinquedos...



Será que a missão perdeu o brilho de outrora?

Algumas notícias surgidas na imprensa, sobretudo internacional, nos últimos meses, diria mesmo nos últimos anos, não têm sido favoráveis ao microcrédito e, por extensão, ao mundo da microfinança. Problema acrescido quando, na maioria dos casos, as notícias se referem a matéria factual sem o devido enquadramento e, quicá por desconhecimento, sem uma análise crítica dos factos em causa.

Surgiu agora a notícia de que o Governo do Bangladesh criou uma Comissão para analisar o futuro do Grameen Bank e das 54 empresas a ele afetas. A ideia que parece estar subjacente a esta iniciativa é o controlo da atividade do Banco e das suas empresas, sujeitando-o às regras aplicadas pelas agências de supervisão do país aos bancos comerciais.

Contudo, os mais atentos dizem existir um outro objetivo nesta iniciativa e que é, por razões de política interna, o afastamento definitivo de Yunus do controlo do mundo Grameen. Importa relembrar que, apesar do afastamento de Yunus da Direção do Banco, em Abril 2011 e após uma batalha jurídica, ele continuou a dirigir as empresas do grupo.

Também não terá sido por acaso que o mesmo governo, através da sua primeira-ministra Sheikh Hasina, que o afastou do banco, o propôs, em Fevereiro último, para a Presidência do Banco Mundial (BM). Yunus recusou, declarando: "Nunca pensei em assumir a liderança do BM ou de qualquer outra instituição multilateral semelhante. Tenho sido regularmente crítico das políticas e dos programas do BM".

Embora o governo possua uma pequena percentagem no capital do Grameen, tenha direito a três das doze cadeiras do Conselho de Administração e tenha direito de voto na escolha dos principais executivos do banco, a verdade é que sempre mostrou, ao longo dos anos, ser um acionista relativamente passivo. Aliás, atitude semelhante



Há quem acredite que haverá espaço para instituições lucrativas e não-lucrativas e que ambas serão necessárias, desde que se estabeleçam regras (...) e se clarifique o espaço de ambas, porventura cabendo às não-lucrativas os setores mais desprotegidos da população.

demonstrou para com outras instituições (existem cerca de 1 000 instituições de microcrédito reconhecidas). Só em 2006 o governo sentiu necessidade de supervisionar formalmente o setor da microfinança e criar a Autoridade Regulatória do Microcrédito (MRA). Contudo, o Grameen não está sujeito à atuação da MRA por ser regido por um alvará especial.

O grupo Grameen, pela sua evolução e crescimento, e sobretudo o banco com as suas 2 900 agências que empregam cerca de 23 000 pessoas, com mais de 13 000 analistas de crédito (quase todos mulheres), assume um papel preponderante no desenvolvimento do país e representa, do ponto de vista societal e político, uma força considerável face a governos frágeis, mas tal realidade nunca terá contribuído para deteriorar as relações entre Yunus e o Governo.

A relação entre ambos, sobretudo entre Hasina e Yunus, começou a deteriorar-se quando, em 2007, o fundador do microcrédito, conhecido como o 'banqueiro dos pobres', fez uma incursão na política, primeiro como mediador entre

forças e depois com a ameaça de criar um partido político, dada a situação do país.

Logo após ter percebido o seu erro de avaliação, Yunus recuou, mas a partir daí começou a ser olhado pelos outros políticos, sobretudo da área governamental, como uma ameaça ao seu próprio poder, um concorrente não desejado.

Segundo alguns especialistas, se a tensão aumentar, o governo - entenda-se a primeira-ministra Sheikh Hasina - pode tornar as coisas muito difíceis para Yunus. Uma das críticas feitas a Yunus é a de não ter preparado cuidadosamente a sua sucessão. Aliás, este é um problema comum a muitas organizações. Yunus preferiria uma transição tranquila, já que uma agudização da tensão pode ter como consequência a saída de quadros - seriam muito mais valorizados noutras instituições - e também de muitos aforradores (financiadores dos empréstimos).

Nos últimos anos, os perigos que pairam sobre o microcrédito e a microfinança têm-se adensado, nomeadamente pela intromissão da política, pelos aproveitamentos, e, sobretudo, pela criação de condições favoráveis à inserção do objetivo do lucro (tendência para maximizar o lucro) nos negócios de microcrédito.

A apreensão é muita e compreende-se, já que a introdução de estranhos no setor pode conduzir ao seu desmantelamento. São cada vez mais os fundos financeiros, participados pelos grandes bancos, com o objetivo de investimentos na área da microfinança. Segundo as Nações Unidas e de acordo com estudos realizados na Índia, no Quênia e nas Filipinas, o elevado retorno anual médio dos investimentos em micronegócios leva a que muitas Instituições de microfinança façam parcerias com grandes instituições financeiras para expandirem a oferta de serviços, tais como contas de poupança e seguros, correndo dessa forma o risco de

uma expansão não sustentada e de maior dependência dos critérios desses parceiros.

Assim se percebe o interesse dos mercados financeiros pelo negócio, exigindo às instituições uma rentabilidade crescente e sem qualquer tipo de preocupação com as consequências sociais que daí possam advir. Há quem acredite que haverá espaço para instituições lucrativas e não-lucrativas e que ambas serão necessárias, desde que se estabeleçam regras, nomeadamente no que se refere às taxas de juro (nalgumas regiões situam-se entre os 40 e 50%) e se clarifique o espaço de ambas, porventura cabendo às não-lucrativas os setores mais desprotegidos da população.

O que se passou recentemente na Índia e o que já havia acontecido com a Compartamus no México, assim como em Marrocos, devem servir-nos de alerta e ajudar-nos a perceber que o "processo Yunus" não é inocente e pode ter consequências imprevisíveis. O debate atual sobre a realidade da microfinança é muito mais vasto e a ele não é alheio o comportamento dos mercados financeiros, sobretudo quando se procura o investimento mais lucrativo, não assumindo qualquer risco de inovação com vista à erradicação da pobreza. Se essa for a via, o setor lucrativo decretará antecipadamente o fim do sistema de microfinança.

Como sublinham alguns especialistas, as instituições, porque necessitam de fundos e influenciadas e aconselhadas por consultores externos, ao pretenderem uma rentabilidade e uma produtividade próximas do setor privado, correm o risco de perderem o que tinham de essencial: a proximidade e a relação de confiança com os seus "clientes". Será que a missão perdeu o brilho inicial ou esta é apenas uma etapa de clarificação e de reafirmação dos seus princípios básicos?

O acompanhamento dos microempresários é o principal trunfo do método de trabalho da ANDC. A partir da sua experiência, dois técnicos de microcrédito descrevem e avaliam este serviço.

Um espaço de comunicação

A ANDC proporciona um serviço de acompanhamento aos promotores de negócio que a ela acorrem para obter um financiamento junto da banca comercial. Esse acompanhamento assenta no auxílio metodológico ao desenvolvimento da ideia de negócio, com que chegam à ANDC, e na elaboração dum pequeno plano de negócios que serve de proposta ao financiamento bancário.

Uma vez recebido o crédito e montado o negócio, o empresário continua ligado à ANDC através de um acompanhamento que pretende apoiá-lo na atividade corrente, tanto no seu relacionamento com o banco, como na sugestão de desenvolvimentos do seu desenho de negócio ou de melhorias na sua exploração. Além do apoio ao promotor do negócio, há também a preocupação com a amortização do empréstimo concedido.

Estes serviços revelam-se importantes: no pré-negócio, dada a grande dificuldade que a generalidade dos promotores tem em conseguir pôr no papel de uma forma estruturada o desenho do seu negócio e também em pensá-lo em termos de investimento, vendas e exploração; no pós arranque do negócio, pelo facto de a maioria esmagadora dos empreendedores de o fazer de forma individual, necessitando de interlocutores para poderem conversar sobre o andamento do negócio e formas de o desenvolver, evitando recorrer a terceiros, estranhos, nos quais não confia ou a quem tem receio de expor as "fragilidades" do negócio.

É assim que as relações de confiança entre o técnico e o promotor permitem estabelecer um espaço de comunicação onde os diversos aspetos do negócio podem ser debatidos, com vista à resolução de problemas.

O apoio na elaboração do plano de negócios vertido para o projeto de investimento, que é aprovado primeiro por uma comissão de crédito e depois, numa forma resumida, pelo banco escolhido pelo promotor, prende-se essencialmente com os seguintes aspetos:

- a elaboração duma memória descritiva do negócio, onde o fator local poderá ter

importância se determinar a relação com os potenciais clientes;

- a elaboração de estimativas para a venda de produtos e serviços, para os bens necessários ao arranque do negócio (investimento) e para os resultados esperados no primeiro exercício (conta de exploração previsual).

As maiores dificuldades encontradas são a capacidade de escrever o que é o negócio (síntese, que produtos/serviços, como está organizado o ciclo do negócio, quem pretende atingir e onde estão os potenciais clientes) e a capacidade de fazer uma estimativa para as vendas, no que respeita a quantidades.

O apoio na exploração do negócio, depois de recebido o crédito, montado o negócio e iniciada a atividade, é o apoio genérico de um interlocutor que acompanha o evoluir do negócio. Os apoios específicos em áreas como a jurídica são encaminhados para parceiros da ANDC que podem oferecer soluções.

As maiores dificuldades prendem-se com a necessidade de atingir a curto prazo o ponto crítico de tesouraria, numa conjuntura desfavorável para a generalidade dos pequenos negócios (IVA, menos clientes, falta de fundo de maneio, atrasos nos recebimentos), num contexto de grande concorrência para os pequenos negócios (pequenas barreiras à entrada, muita oferta, redução do poder de compra, peso dos grandes distribuidores no comércio nas cidades) e tendo em conta os encargos que as instalações assumem nos custos de exploração.

LUÍS VASCONCELOS

Técnico de Microcrédito

Um trabalho de cooperação

O acompanhamento dos microempresários, uma das tarefas desempenhadas pela ANDC, inicia-se na primeira entrevista e decorre até ao pagamento da última prestação do empréstimo contratualizado. Este acompanhamento é personalizado, em função das necessidades de cada microempresário, e está a cargo de um técnico de microcrédito, presente em todos os aspetos relativos a cada negócio.

Além de necessitar de crédito, o público apoiado pelo programa de microcrédito carece também de apoio, nomeadamente de alguém que o acompanhe ao longo da vida do seu negócio. Não podemos esquecer que a pessoa que, através da ANDC, está prestes a conseguir um crédito estava numa situação de alguma fragilidade. Criar o seu próprio negócio não deixa de ser um passo bastante ambicioso. Se não for muito bem apoiado e sustentado, o projeto tem fortes probabilidades de não passar de uma tentativa fracassada.

Em cada entrevista de acompanhamento, o técnico de microcrédito tenta avaliar o melhor possível o estado atual do negócio, incentivando o microempresário a refletir, a ser organizado, a pensar nas hipóteses de expansão do seu negócio, a encontrar soluções para os problemas do seu dia-a-dia, etc. O técnico procura igualmente transmitir conhecimento, experiência e opiniões, elementos-chaves para o sucesso dos negócios.

Pela enorme diversidade de casos, o acompanhamento constitui para o técnico de microcrédito uma ferramenta bastante enriquecedora, pois permite-lhe estar em constante aprendizagem e desenvolver as suas capacidades pessoais, de forma a procurar sempre os melhores caminhos para os projetos que acompanha. A minha experiência de quase cinco anos permite-me arriscar dizer que muitos dos projetos apoiados pela ANDC são hoje negócios de sucesso porque foram acompanhados por pessoas capazes de ajudar os microempresários a enfrentarem e a ultrapassarem as dificuldades. Se estas não fossem encaradas de forma adequada, poderiam, em muitos casos, ter sido fatais para o sucesso das microempresas.

O acompanhamento é claramente uma cooperação entre o microempresário e o técnico de microcrédito, que tem como objetivo garantir a sustentabilidade do negócio, através de uma transmissão mútua de conhecimentos e experiências. Pela sua periodicidade mensal e pelo facto de ser, sempre que possível, presencial, esta relação leva a que, em muitos casos, os microempresários deixem de nos olhar só como técnicos de microcrédito e passem a considerar-nos também como um amigo/parceiro que está disponível para ajudar no desenvolvimento dos seus projetos de vida.

PEDRO SILVA

Técnico de Microcrédito

Encontro no Porto

Com a presença de mais de oitenta pessoas, realizou-se no dia 3 de maio, no Porto - instalações da Universidade Católica, um encontro sobre a atualidade do microcrédito no nosso país e sobre as condições para o seu desenvolvimento.

Após uma introdução inicial de enquadramento, a cargo da direção da ANDC, e a apresentação da experiência de três microempresários, decorreu um animado período de perguntas, de sugestões e de debate. Foram abordadas matérias como:

- a relação entre as condições de empréstimo e a situação dos destinatários do microcrédito;
- a exigência do fiador para 20% do empréstimo, a sua justificação e os seus riscos numa perspetiva de inclusão;
- os incidentes bancários, os seus efeitos incontornáveis no atual modelo de microcrédito e a necessidade de trabalhar noutras instâncias;
- as potencialidades e os limites do microcrédito como instrumento de combate à pobreza;
- o papel das autarquias e das redes sociais de base supra-municipal;
- outras modalidades de microcrédito no terreno;
- a colaboração entre a ANDC e outras instituições;
- as perspetivas abertas pelas políticas comunitárias na área da microfinança, os constrangimentos da legislação nacional, a capacidade de resposta atual e as perspetivas de trabalho neste campo;
- a formação dos técnicos das organizações, designadamente das IPSS, e a responsabilidade das entidades de formação.

Alquimias Cozinha macrobiótica

A funcionar desde o Carnaval de 2012, em Portimão, o Alquimias já é uma referência para quem procura uma cozinha alternativa, saudável e criativa.

O projeto juntou duas amigas com o mesmo sonho e com uma necessidade comum - mudar o rumo das suas vidas, fazendo algo em que acreditam.

Foi este acreditar que as motivou a encontrar soluções, tendo o microcrédito surgido como uma luz ao fundo do túnel, pois a primeira barreira estava ultrapassada. Outras dificuldades apareceram - encontrar o espaço, negociar a renda, encontrar o fiador - mas todas foram enfrentadas com a mesma tranquilidade e a mesma confiança.

Ao fim de quatro meses, o balanço é positivo e até

já surgiram propostas para expandir o conceito!

Todos os dias surgem novos clientes, amigos dos amigos, colegas de trabalho. O Alquimias tem-se afirmado como uma alternativa saudável e económica para quem tem que almoçar fora todos os dias ou como um espaço tranquilo para jantares de grupo e de família.

O Alquimias não se fica pelos deliciosos pratos macrobióticos... quem quiser aprender poderá inscrever-se nas Workshops de Cozinha Criativa e os que já cozinham podem encomendar tofu caseiro.

Experimente! E informe-se em <http://www.facebook.com/alquimias.restaurante>.

LAURA SOARES

Técnica de Microcrédito

Gosto d'África

João Pereira nasceu em Portugal, com o coração em África...

Desde cedo que as cores e as tonalidades africanas o fascinaram, levando-o a visitar alguns dos seus países, nomeadamente a Mauritânia, onde viveu durante 3 anos.

Depois de um período de vida profissional muito ligado à área da informática, aos 51 anos encontrou-se desempregado e com grande dificuldade em arranjar trabalho, precisamente devido à sua idade. A solução estaria em trabalhar por conta própria, mas em que área? Novamente informática? Não, estava farto!

Começou então a pensar em montar um negócio, apercebendo-se, simultaneamente, de que todas as suas ideias desembocavam em África. Sem dúvida! África teria de ser o coração do seu futuro projeto de vida. E assim foi...

Ao tomar conhecimento da existência da ANDC através da comunicação social, João Pereira, após ter estruturado bem o seu projeto, contactou-nos, e eu tive o privilégio de respirar, sentir e olhar África através das várias fotografias que me apresentou: tecidos a sor-

rirem num caleidoscópio de cores quentes e vivas, cheirando a terra quente molhada. África presente em toda a sua imponência!

Este seria um dos muitos projetos que eu iria trabalhar e acompanhar de corpo e alma.

Mas, afinal, de que forma o João Pereira o desenvolveu? Simples! Tratando-se de um conhecedor e amante de África e tendo como ferramenta (experiência profissional) a área da informática, colou as duas partes e o projeto viu a luz do dia.

"Gosto D'África" foi o seu nome de batismo.

Aliando a tradição e a inovação à criatividade, transportando para o quotidiano a cor e o calor de África, em utensílios e acessórios de uso comum, num site próprio, estava dado o primeiro passo. Mais tarde, conforme o desenrolar do negócio, João Pereira gostaria muito de abrir uma loja ao público.

Entrar no site de "Gosto D'África" é o mesmo que fruir das paisagens físicas e culturais e, ainda, de quem as habita.

VERA MOTTA

Técnica de Microcrédito

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO

Projeto apoiado pelo IIEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional

N.º Azul: 808 202 922

<http://www.microcredito.com.pt>

<http://www.facebook.com/microcreditoANDC>

Praça José Fontana, 4-5º andar 1050-129 Lisboa
Telf 21 315 62 00 | Fax 21 315 62 02

E-MAIL: microcredito@microcredito.com.pt

Rua Júlio Dinis, 728 - 2º Sala 226 - 4050-321 Porto
Telf/Fax 22 600 28 15

E-MAIL: microcredito@microcredito.com.pt

Proprietário e Editor:
Associação Nacional de Direito ao Crédito

Diretor:

José Maria Azevedo

Tiragem:

4 000 exs.

Sede da Redação:

Praça José Fontana, 4-4º andar
1050-129 Lisboa

Design e paginação:

Alemtudo@sapo.pt

Tipografia:

Jorge Fernandes, Lda